



El emperador Adriano era ome muy letrado e muy sabídoz: A imagem do Imperador Adriano (76-138) sob o olhar do rei Alfonso X (1221-1284)

Elaine Cristina Senko¹
(UFPR)

280

Resumo: Alfonso X (1221-1284) foi um rei medieval que agregou as culturas cristã, islâmica e judaica sob seu território de Leão e Castela. Exemplo de convivência cultural, apesar dos embates político-militares em que participou, estimulou o sincretismo e recebeu a *translatio studiorum* passada pelas mãos dos andaluzes pós Reconquista. Um *Rex Iustus* que alcançou a posição de Rei Sábio, Alfonso X teve em suas obras os argumentos necessários para essa afirmação. Neste artigo, o qual faz parte de minha pesquisa de doutoramento, detectamos uma especial aproximação do olhar hispano de Alfonso X sobre a trajetória de vida do antigo Imperador Romano Adriano (76-138) através de sua *Crônica Geral de España*.

Palavras-chave: Alfonso X; Imperador Adriano; Crônica Geral de España; convivência; hispânico

Abstract: Alfonso X (1221-1284) was a medieval king who added the cultures Christian, Islamic and Jewish in his territory of León and Castile. Example of live together, despite the political and military battles in which he participated, encouraged to syncretism and welcomed *translatio studiorum* passed through the hands of Andalusian post Reconquista. A *Rex Iustus* which achieve at Wise King, Alfonso X in his works had the necessary arguments for this claim. In this article, which is part of my doctoral research, we found a special approach of looking hispanic Alfonso X on the life trajectory of the ancient Roman Emperor Hadrian (76-138) through his *Crônica Geral de España*.

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná sob orientação da Professora Doutora Marcella Lopes Guimarães. O presente estudo faz parte de minha pesquisa atual de doutorado sobre o rei Alfonso X (1221-1284). Membro do Núcleo de Estudos Mediterrânicos. Dados: Curitiba-Paraná, Brasil. E-mail: elainesenko@yahoo.com.br
Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=W0140558>



Keywords: Alfonso X; Emperor Hadrian; Chronicle General de España; coexistence; hispanic

O estudo do rei Alfonso X é instigante, seja por sua vivacidade ou pela sua contribuição à história por ter sido um agregador das três culturas monoteístas: a cristã, a islâmica e a judaica² pós período de Reconquista³. Em sua *Casa de Toledo* conviviam essas três vertentes em prol de uma recepção da chamada *translatio studiorum*⁴, ou seja, dos clássicos ao ambiente medieval. Verificamos os resultados disso em suas inúmeras obras como as *Cantigas de Santa Maria*; *Crônica Geral de España*; *Las Siete Partidas*; *Espéculo*; *Fuero Real*; *Tablas Alfonsinas*; entre outras. Nesse sentido, a narrativa de uma história universal⁵ foi concebida no reinado de Afonso X, o Sábio (r.1252-1284)

² SILVEIRA, Aline Dias da. Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas *Cantigas de Santa Maria*. PEREIRA, Nilton Mullet; ALMEIDA, Cybele Crossetti de; TEIXEIRA, Igor Salomão (organizadores). *Reflexões sobre o medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2009, p.39-59. “O que aconteceu com o mundo que viu nascer Al-Kindi (m.873), Al-Farabi (m.950), Avicena (m.1083), Avempace (m.1138) e Averróis (m.1198)...a falsafa?! Mas esse mesmo mundo não cresceu apartado do Ocidente por Bizâncio. Ocidente e Oriente encontravam-se na Península Ibérica, no Califado de Córdoba, e depois nos reinos taifas, que haveriam de construir uma história de mais de sete séculos de convivência e intolerância. [...] Para o entendimento da recepção da obra de Aristóteles no Ocidente é importante levar em conta, ao lado do trabalho de Boécio (m.525), as traduções e os comentários de Avicena e Averróis, tendo sido este último, pela grandeza com que abarcou a obra do estagirita, cognominado o *Comentador*”. In: GUIMARÃES, Marcella Lopes. Cultura na Baixa Idade Média. In: GIMENEZ, José Carlos. **História Medieval II: a Baixa Idade Média**. Maringá: UEM, 2010, p.129-130.

³ Lembremos que a Reconquista não expulsou totalmente os islâmicos que viviam na Península Ibérica, muitos ficaram na condição de *mudejâres*. O que o movimento de Reconquista conseguiu foi forçar uma migração da região peninsular das principais famílias nobres islâmicas, como a do historiador Ibn Khaldun (1332-1406), que tinham uma antiga descendência na região desde o emirado de Córdoba e que eram donos de grandes extensões de terras.

⁴ Conferir sobre a *translatio studiorum* em: LIBERA, Alain. **A Filosofia Medieval**. Tradução Nicolás Nyimi Campanário e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

⁵ Sobre a tradição de história universal medieval anterior ao século XIII: “Two very different understandings of human circumstances thus emerged with the help of universal historical narrative. Augustine’s metahistorical categories, if clearly understood, made familiar earthly constructs unreliable for the needs of God’s city. Orosius, who claimed Augustine’s sponsorship, powerfully asserted the providential construct of Rome’s empire and made all history, pagan or sacred, into a means of instruction, subject to the historian’s power of exegetical prophecy. Orosius met and vastly exceeded the apologetic goal of cataloguing ancient disasters. For subsequent historical expression, his work brilliantly commended the narrative form of books and chapters, and its trove of data became an omnipresent authoritative reference. Readers prized its analysis of unfailing divine punishment and reward, which invited the extension of Christian ethics into the political sphere through the use and new creation of historical writing. The practical clarity and force of Orosius’s engagement mostly overrode Augustine’s subtle theological vision. The claim of sponsorship drew the master’s authority to his student and



diante da realização da *Crônica Geral de Espanha*, escrita em língua vernácula. Nela, a trajetória castelhana é sistematicamente relatada desde seus primórdios ligados aos eventos bíblicos e em vista de sua relação inicial para com os gregos, cartagineses, romanos, vândalos, alanos, suevos e, finalmente, os godos na Hispânia. Assim a tradição da *Crônica Geral de Espanha* se espalhou para a chamada *Segunda Crônica General*, esta de 1344, e *Tercera Crônica General*, de 1390. No ambiente aragonês visualizamos iniciativas nesse mesmo sentido, tal como a crônica (composta provavelmente sob influência política de Pedro IV, o Cerimonioso) que relata a história da Península Ibérica desde suas origens míticas, passando a centrar no tom regional, em uma narrativa dos reis de Aragão a partir de Ramon Berengar IV (1131–62) até Alfonso IV (1327–36), pai de Pedro IV. Dentre aqueles dedicados à prática da historiografia no ambiente ibérico do século XIV tem-se o historiador Pero Lopez de Ayala (1332 – 1407). Atuando como cronista régio e diplomata, transitando entre diferentes patrocinadores conforme a ida e vinda de novos governantes, escreveu uma série de crônicas sobre os reinados de Pedro I de Castela (este um rei declarado admirador de seu ancestral Alfonso X), Enrique de Trastámara (Enrique II de Castela), Juan I de Castela e outra, inacabada, sobre Enrique III de Castela, todas reunidas sob o título *Historia dos reis de Castela*. Essa é a trajetória castelhana das crônicas ligadas aos reis, a qual aos poucos foi saindo da esfera de um grupo de sábios (como no caso de Alfonso X) e encaminhou-se para a função de um cronista régio. Em nosso presente caso, que trata da escrita da *Crônica Geral de Espanha*, H. Salvador Martínez explica que para se aproximar das intenções do rei Alfonso X é necessário observar suas metáforas:

commended the mistake of reading the City of God through Orosius's lens and seeing the heavenly city in the Christianized empire". ALLEN, Michael I. *Universal History 300-1000: Origins and Western Developments*. In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (edit). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden/Boston: Brill, 2003, pp. 30-31. E o autor continua: "other authors promptly built on the primary foundation of sacred and secular fact laid by Eusebius-Jerome, Orosius, Isidore, and Bede, in order to situate new elaborations of regional or communal history in their wider Christian and cosmic perspective. In addition to content, these continuators and creators of history emulated the rhetorical examples and devices of their predecessors. These ranged from the succinctly commentated, columnar chronistic form, with or without multiple threads to begin, to the narrative mode of Augustine or Orosius, or even the Latin versions of Greek church histories devoted to Christian times". In: ALLEN, Michael I. *Universal History 300-1000: Origins and Western Developments*. In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (edit). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden/Boston: Brill, 2003, p. 35.

El perfil intelectual y moral del Rey Sabio se revela en incontables referencias autobiográficas que esparció en su *Estoria de España* y, sobre todo, en la *General Estoria*. Es aquí donde identifica sus ideales y aspiraciones con los de sus admiradas figuras históricas y mitológicas: Alfonso es Júpiter y Hermes, poderosos y sábios; pero al mismo tiempo es también el bíblico Nemrod, “el primer rey del mundo”, creador de ciudades maravillosas e impérios de ensueño y promotor de una cultura laica al margen de la clase sacerdotal oficial. El Rey Sabio se sirve de la alegoría, el mito, la leyenda, épica o hagiográfica, para introducir en el relato una dimensión personal a través de la cual transmite al lector algunos de los secretos de su personalidad. Francisco Rico, que hizo ya uso de este método, escribe: “Gracias a esse planteamiento la General Estoria se convierte a menudo en espejo de la España del siglo XIII”. En estas obras se proporcionan detalles minuciosos que hacen referencia a circunstancias muy concretas de la vida personal del rey, de su familia y de sus colaboradores, de los cuales se desprende la intervención directa de Alfonso en la composición o, por lo menos, en la revisión de las mismas, como nos dice al comentar en qué sentido el rey es autor de un libro: “... porque compone las razones dél, e las emienda et yegua et enderesça”. Las obras alfonsíes arrojan luz suficiente como para reconstruir no solo las etapas esenciales de su vida, sino su pensamiento y hasta sus gustos personales⁶.

Os paralelos entre as vidas políticas do Imperador Romano Adriano (76-138) e o Rei de Leão e Castela Alfonso X (1221-1284) são muito estreitos. Recorremos para este estudo à *Crônica Geral de España* escrita no reinado de Alfonso X, pois em seu início temos a descrição das ações dos imperadores romanos no passado. A leitura medieval que o rei Alfonso X apresenta sobre o imperador romano é instigante para nós historiadores clássicos e medievalistas. A *Crônica Geral de España*, no capítulo *Adriano dozeño emperador de Roma: señor de España*⁷ apresenta o imperador Adriano como *señor de España* por conta de sua origem nas mesmas terras do reinado de Alfonso X. E logo em seguida descreve como o imperador Adriano era um homem letrado e muito sábio, como vemos na compilação do trecho abaixo:

⁶ SALVADOR MARTÍNEZ, H. **Alfonso X, El Sabio – Una biografía**. Madrid: Ediciones Polifemo, 2003, p.17-18.

⁷ ALFONSO X. **Las quatro partes de la Cronica de España**. Recopilado por Florian do Campo. Espanha, século XVI, p.197-203.

E sabed q este emperador Adriano fue natural d España bien como Trajano fu tío. E fue E non tan solamete enlo fablar / mas en todas las artes q en estas dos lenguas son. Ca en musica q es el arte del cantar era muy grand maestro: e en física muy sabio a grãd marauilla: e aly sabía acordar cãto cõ cãto e palabra cõ palabra: q nõ semejava q lo auie d fotileza nín de enfeñamiento/mas que los obraran enel por la arte bela física segund natura/maestros sabidozes delas estrellas. E tan bueno fue en sus fechos ql puso nobze el senado Elío qquiere tâto dezir como sol en griego. (...) ser mas el señozio non lo deue auer ome por linaje mas por merescimientos⁸.

Interessante no trecho destacado que o imperador Adriano⁹ aparece vinculado a Trajano, o qual também era de origem hispânica. Em seguida destacam-se as línguas (que são latim e grego) que Adriano sabia falar, além de que conhecia a arte da música (cantar) e em física (em que era muy sábio a grãd marauilla) na qual o saber das estrelas era fundamental. E ele era tão bom nisso que chamou o senado de Elío que é Sol em grego. Depois ao longo da parte de Adriano na crônica temos a seguinte afirmação: “ser mas el señozio non lo deue auer ome por linaje mas por merescimientos”. Essa frase legitima a subida ao poder de Adriano que sofreu questionamentos em sua própria época. Então o Imperador Adriano subiu ao poder através da meritocracia. Como vemos a referida crônica medieval legitima o merecimento como um dos quesitos de ser um poderoso, mas no decorrer de sua explicação de que quem nasce rei deve ser rei no século XIII. E, além disso, essa situação é um encargo muito grande, descreve a crônica, mas deve ser seguida. Isso faz refletir que o governo de Alfonso X era legítimo politicamente, embora ainda devesse demonstrar mais merecimento do ofício de rei enquanto o fosse.

No seguimento da narrativa, a crônica apresenta um diálogo entre o Imperador Adriano e um filósofo em Atenas. Aliás, a crônica exalta essa ação de Adriano de viajar

⁸ ALFONSO X. **Las quatro partes de la Cronica de España**. Recopilado por Florian do Campo. Espanha, século XVI, p.198.

⁹ Sobre o governo do Imperador Adriano e de Alexandre, o Grande, conferir: LEME, André Luiz. **A estratégia política no Principado Romano do século II d. C.: A comparação entre Alexandre, o Grande, e Adriano segundo a Anábese de Arriano de Nicomédia**. Dissertação de mestrado em História. Curitiba: PPGHIS UFPR, 2011.

à Atenas em busca do saber. Lembremos da incessante procura de Alfonso X por conhecimento¹⁰. No contato entre Adriano e o Filósofo encontramos uma situação inusitada: o erudito não deseja falar. Vejamos no trecho:

(...) fue el emperador Adriano Athenas e sopo desufazieda e enbio por el e fizo venir ante si: e saludol el emperador: e segundo callo e no quiso fablar ninguna cosa. E Adriano dirol fabla filosofo e apzenderemos algo de ty?¹¹

Através de muitas insistências de Adriano (o que demonstra uma leitura medieval de que o rei deve instigar o seu sábio a lhe contar sobre o conhecimento), o Filósofo escreve as respostas do imperador em uma tábua. E uma das perguntas de Adriano e que tem uma resposta sublime do sábio é: “Que es amor? Igualdad de coraçones”. Aqui o sábio não fala de amor como conhecemos hoje, mas de uma forma mais contemplativa em que duas perspectivas são compartilhadas em torno do conhecimento. Ora, não era nesse sentido que o rei Alfonso X, em seu momento do século XIII, instigava a busca por sabedoria entre seus sábios cristãos, islâmicos e judeus? A Crônica demonstra a busca pelo saber de Adriano: “El emperador Adriano era ome muy letrado e muy sabídoz”¹², tal como Alfonso X atuava em seu tempo. E a crônica deixa claro a admiração do rei pelo imperador quando enfatiza essa busca por

¹⁰ “Entre os séculos XI e XIV, emerge um segundo ciclo na produção cultural filosófica da Idade Média na Europa Ocidental. O século XI começa a apresentar indícios de crise e de declínio do feudalismo, onde novas ordens religiosas são criadas, e a Igreja Romana passa por uma profunda reforma, sendo sacudida pelo Cisma do Oriente (a Igreja Oriental rompe com a Igreja Ocidental) e pela disputa conhecida como a ‘questão das investiduras’ (controvérsia entre Gregório VII e o Sacro Império Romano-Germânico). No século XII, além do conflito permanente entre o Papado e o Império ocorrem também as primeiras Cruzadas e emerge a Escolástica. O apogeu cultural da Baixa Idade Média se efetiva no século XIII, período que corresponde ao enfraquecimento da nobreza feudal, ao crescimento da população, à expansão do comércio, ao desenvolvimento das cidades livres e das associações mercantis”. In: WOLKMER, Antonio Carlos. **Síntese de uma história das idéias jurídicas: da antiguidade à modernidade**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006, p.58-59.

¹¹ ALFONSO X. **Las quatro partes de la Cronica de España**. Recopilado por Florian do Campo. Espanha, século XVI, p.199.

¹² ALFONSO X. **Las quatro partes de la Cronica de España**. Recopilado por Florian do Campo. Espanha, século XVI, p.199.



conhecimento que alcançou até Atenas. Percebemos então como o referido documento alfonsino funcionava como um *espelho de príncipes* ao guiar as ações do rei¹³.

Ao final da parte que relata sobre a vida política do imperador Adriano temos mais um paralelo entre ele e Alfonso X. Somos informados pelo manuscrito medieval que Adriano tentou estabelecer a paz em Jerusalém, especialmente com o grupo dos judeus. Uma sinalização disso foi a construção de uma estátua de Adriano em Jerusalém, a qual foi destruída por judeus da cidade. Isso levou à fúria Adriano e que resultou na expulsão dos judeus de Jerusalém. Mas o que chama a atenção nesta narrativa é que Adriano re-colonizou Jerusalém com cristãos, que apesar de serem mártires dos romanos nesta época, eram bem vistos pelo imperador romano. Tal situação vemos em Castela do século XIII, em que o rei Alfonso X tentava reorganizar os grupos de judeus e islâmicos sob sua unidade cristã¹⁴. Também essa vinculação com os imperadores romanos do passado autorizava uma tradição para Alfonso X concorrer ao Sacro Império Romano Germânico. Portanto, o rei Alfonso X buscou através dos exemplos dos imperadores romanos, como a de Adriano, facetas de sua própria personalidade política e pessoal. A importância de seu resgate do passado desvela o que ele pensava dentro de seu próprio contexto. Ligado à *translatio studiorum* e ao seu

¹³ “En lo que a su contenido se refiere, estos ‘espejos’ se preocupan ante todo de la educación ética del príncipe. La imagen que contruyen y tratan de imbuirle se centra en un ideal de perfección personal. Todas estas obras se contruyen alrededor de los conceptos de las virtudes y vicios, cuya práctica o desarraigo proporcionarán al príncipe la idoneidad personal para el ejercicio del oficio real”. PALACIOS MARTÍN, Bonifacio. El mundo de las ideas políticas en los tratados doctrinales españoles: los espejos de príncipes (1250-1350). **Europa en los umbrales de la crisis: 1250-1350**. Pamplona: Gobierno de Navarra, 1995, p.464.

¹⁴ “Alfonso X subió al trono a poco de haberse producido una gran ampliación del territorio del reino como consecuencia de la conquista de Andalucía y Murcia. Ello había supuesto el aumento del prestigio y autoridad de la corona; pero también había creado problemas de no fácil solución. El nuevo rey debía repoblar los territorios recién conquistados; debía preocuparse de la numerosa población musulmana sometida ahora al dominio cristiano; debía hacer frente a la inflación galopante que durante años acosaría al rey y a su reino. Por si fuera poco, Alfonso era un monarca ambicioso que planeaba llevar a cabo la invasión del Norte de Africa proyectada por su padre para controlar la ruta seguida hasta entonces por los ejércitos musulmanes que habían invadido España. Esperaba también conseguir la hegemonía sobre los restantes reinos vecinos resucitando para ello las antiguas pretensiones imperiales de León, y sobre todo estaba decidido a obtener la corona del Sacro Romano Imperio que reclamaba e su condición de nieto de Federico I Barbarroja”. O’CALLAGHAN, Joseph F. **El Rey Sabio: El reinado de Alfonso X de Castilla**. Traducción de Manuel González Jiménez. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1999, p.25.



desejo de fazer história, o referido rei castelhano nos estimula a cada etapa da pesquisa em procurar mais sobre seu possível olhar.

Referências Bibliográficas

287

Fonte

ALFONSO X. **Las cuatro partes de la Cronica de España**. Recopilado por Florian do Campo. Espanha, século XVI.

Leituras

ALLEN, Michael I. Universal History 300-1000: Origins and Western Developments. In: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (edit). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden/Boston: Brill, 2003, pp. 17-42.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. Cultura na Baixa Idade Média. In: GIMENEZ, José Carlos. **História Medieval II: a Baixa Idade Média**. Maringá: UEM, 2010, p.129-130.

LEME, André Luiz. **A estratégia política no Principado Romano do século II d. C.: A comparação entre Alexandre, o Grande, e Adriano segundo a Anábase de Arriano de Nicomédia**. Dissertação de mestrado em História. Curitiba: PPGHIS UFPR, 2011.

LIBERA, Alain. **A Filosofia Medieval**. Tradução Nicolás Nyimi Campanário e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

O'CALLAGHAN, Joseph F. **El Rey Sabio: El reinado de Alfonso X de Castilla**. Traducción de Manuel González Jiménez. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1999.

PALACIOS MARTÍN, Bonifacio. El mundo de las ideas políticas en los tratados doctrinales españoles: los “espejos de príncipes” (1250-1350). **Europa en los umbrales de la crisis: 1250-1350**. Pamplona, 1995, p.463-483.



SALVADOR MARTÍNEZ, H. **Alfonso X, El Sabio – Una biografía.** Madrid: Ediciones Polifemo, 2003, p.17-18.

SILVEIRA, Aline Dias da. Política e convivência entre cristãos e muçulmanos nas *Cantigas de Santa Maria*. PEREIRA, Nilton Mullet; ALMEIDA, Cybele Crossetti de; TEIXEIRA, Igor Salomão (organizadores). **Reflexões sobre o medievo.** São Leopoldo: Oikos, 2009, p.39-59.

WOLKMER, Antonio Carlos. **Síntese de uma história das idéias jurídicas:** da antiguidade à modernidade. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.